

Uma vida blogada desde o início... pelo menos até agora

Gustavo Guimarães



Até o mundo dos mitos e da fantasia foi afetado pela internetização. Matheus Missick Guimarães, 9 anos, mandou dois anos atrás uma carta de Natal a Papai Noel, por meio de um site.

— Isso deixou a mim e minha mulher em uma situação complicada, pois ficamos sem saber qual tinha sido o pedido — conta Gustavo Guimarães, pai de Matheus. — Deu vontade de matar o desenvolvedor que não colocou como campo obrigatório o email do responsável, para enviar a ele uma cópia da cartinha da criança.

A grande rede, em muitos casos, serve de ponte entre até duas gerações consecutivas.

— Os avós do Matheus, quando não conseguem achar uma informação na internet, chamam o meu filho, que logo de cara abre o Google e o YouTube, encontrando rapidamente o que eles buscam — orgulha-se Gustavo.

A internet serve também para as crianças aprenderem o valor do dinheiro e noções básicas do mercado e do comércio.

— O que o meu filho mais gosta de fazer na internet é usar o aplicativo Colheita Feliz, do Orkut — conta Gustavo. — Lá ele tem esses bichinhos de que precisa tomar conta. Só que ele faz isso com tanto afinco, que este mês ele me pediu que desse sua mesada inteira em dinheiro do Colheita Feliz. Só para poder comprar comida para bichos, fertilizantes e outros insumos virtuais.

Gustavo mantém um blog contando coisas sobre o Matheus. Mas num dado instante, surpreendeu-se autocensurando os posts.

— O fato é que meu filho está crescendo, e eu sei que chegará o dia em que ele pedirá que eu não mais continue este registro — preocupa-se o pai. — Até lá, vou tentar não dividir com o mundo a parte da vida dele que for excessivamente particular. Caberá a mim a responsabilidade de filtrar, infelizmente cada vez mais, os aspectos de sua vida pessoal que ele poderia querer manter somente entre nós dois.

A cena 2, lá no início da matéria, foi protagonizada por Matheus perguntando qual era o site preferido do pai quando era pequeno. Segundo Gustavo, o pior foi o olhar de incredulidade do menino quando ouviu a resposta de que naquele tempo ainda não existia a grande rede.

É um momento histórico. A geração de Matheus será a última cujos pais não tiveram internet em sua infância.

Privacidade não vem naturalmente. É um conceito aprendido

Lanika Rrigues, designer carioca morando em São Paulo, é mãe de Gabriel Assumpção, 11 anos. Ela tem plena consciência de seu papel na educação de seu filho no cuidado com a divulgação de informações pessoais.

— Se você não ensinar à criança que privacidade é uma coisa importante, ela não vai se preservar. É preciso ensinar, e reforçar, e explicar porque ela deve cuidar disso — declara Lanika.

Às vezes, os mais velhos trocam de lugar com os mais jovens no uso das tecnológicas.

— Eu e o meu marido, ambos com mais de 30, praticamente só nos falamos via IM ou SMS no dia a dia — diz a mãe do Gabriel. — Mas meu filho prefere telefonar.

Com a popularização dos gadgets entre os jovens, tais itens já representam símbolos de status. Só que o peso dado a essas posses dá margem a aberrações.

— Na escola do Gabriel, a professora começou a fazer um trabalho para diminuir a disputa e o juízo de valor do tipo “eu tenho, você não tem” — lembra Lanika. — Já vi um menino numa festinha de aniversário me dizer que era pobre porque só tinha um PlayStation 2 (o aniversariante tinha um Wii na sala e um Xbox no quarto). Essas distorções me preocupam.

Mas, conflitos à parte, maquinetas eletrônicas também podem servir para promover harmonia e bons momentos na família.

— Leio livros, vejo filmes e jogo no notebook. Não é raro que Gabriel deite do meu lado para ver algum DVD comigo no laptop, normalmente fazendo perguntas sobre o filme: “Viu só? Por que ele fez isso? O que isso quer dizer?”, e coisas assim. São momentos deliciosos — baba Lanika.

Vírus e outros malwares são



Lanika Rrigues

uma constante preocupação.

— O micro do Gabriel tem filtro de conteúdo impróprio, mas há anos eu já conversei com ele que, se ele entrasse num site procurando por jogos e encontrasse pornografia, então era pra sair porque aquele site provavelmente ia passar vírus para o computador dele — conta Lanika. — Ele não tem autorização para instalar nada na máquina dele sem o meu conhecimento, e normalmente quem analisa se algo presta e instala sou eu.

Email, para os mais jovens, é um ferramenta arcaica e absolutamente desinteressante. Gabriel já tem email há anos, mas nunca os lê.

— E ele pede para que eu entre na conta dele e leia os emails para ele. Ele não tem paciência para ler correio eletrônico — conta. — Tenho a senha e o login de cada ser-

viço que ele usa e monitoro o que ele está fazendo de vez em quando. Ele sabe disso e não se importa. Muitas vezes ele me pergunta o que pode ou não fazer ou divide comigo o resultado de um jogo, uma piada que um amigo virtual contou etc.

No departamento musical, a grande revelação é o YouTube, que funciona para os mais jovens como a MTV funcionava há dez ou 20 anos.

— É no YouTube que o Gabriel vai descobrindo músicas de que gosta, normalmente rindo de paródias feitas usando Bob Esponja ou Alvin e os Chipmunks — relata. E dali a pouco ele está me pedindo para baixar “We Will Rock You”, do Queen, ou a última do Black Eyed Peas para tocar no MP3 player dele.

Se com 10 anos Lanika dormia com um rádio de pilha embaixo do

travesseiro, ouvindo Blitz e Legião, Gabriel dorme ouvindo as músicas que coloca no iPod.

— Ele estava todo feliz outro dia porque dormiu na asa de um amigo e voltou com o celular recheado de MP3 novas que eles trocaram via Bluetooth — orgulha-se Lanika.

O Skype tem mostrado ser um traço de união até entre avós e netos, servindo de motivação para gente mais idosa perder a cerimônia de mexer com engenhocas modernas.

— Minha mãe, que tinha medo de computador, hoje adora tecnologia — conta Lanika. — Uma das coisas para as quais ela usa o micro é conviver com os netos. Em vez de falar com meu irmão e comigo pelo telefone, ela usa conversas por vídeo para ver meu sobrinho Cauã (3 anos) e meu filho Gabriel.